

Fenomenologia da linguagem e intersubjetividade em Merleau-Ponty

Phenomenology of Language and Intersubjectivity in Merleau-Ponty

Rodrigo Alvarenga

Professor do departamento de Filosofia da PUC-PR

E-mail: alvarenga.rodrigo@pucpr.br

Resumo: O problema da intersubjetividade, tal como colocado pela filosofia da consciência, exigiu de Merleau-Ponty uma investigação de alguns aspectos essenciais envolvidos no fenômeno da comunicação, tais como o valor expressivo da palavra e a questão da verdade, o que acabou por inserir o filósofo no cenário das grandes discussões linguísticas. Pelo aprofundamento especulativo em direção à camada pré-reflexiva da existência, a análise da linguagem e da intersubjetividade favoreceram não apenas a compreensão da questão da criação de novos significados: ela também possibilitou uma autêntica experiência de comunicação. Foi pela realização desse estudo que o filósofo radicalizou seu pensamento em direção a uma ontologia indireta, afastando-se da noção de *cogito* tácito como condição de possibilidade da experiência intersubjetiva. O objetivo desse artigo é acompanhar esse percurso realizado por Merleau-Ponty na década de 1950, a fim de evidenciar a relação entre o fenômeno da criação no domínio da linguagem e a possibilidade da experiência intersubjetiva.

Palavras-chave: criação; intersubjetividade; linguagem; verdade.

Abstract: The problem of intersubjectivity as posed by the Philosophy of Consciousness demanded from Merleau-Ponty an investigation of some of the key aspects involved in the phenomenon of communication, such as the expressive value of the word and the question of truth, which eventually inserted the philosopher in the scenario of important linguistic discussions. According to the speculative deepening towards the pre-reflective layer of existence, the analysis of language and intersubjectivity favored not only understanding the issue of creating new meanings, but also enabled an authentic experience of communication. By conducting this study the philosopher has established his thinking towards an indirect ontology, moving away from the notion of tacit *cogito* as a condition of possibility for an intersubjective experience. The purpose of this article is to follow this investigation taken by Merleau-Ponty in the '50s, in order to show the relation between the phenomenon of creation in the field of language and the possibility of intersubjective experience.

Keywords: creation; intersubjectivity; language; truth.

No relatório enviado a Martial Guérault referente à sua candidatura ao Collège de France, Merleau-Ponty desenvolve alguns apontamentos sobre suas pesquisas e indica que a questão da linguagem e da comunicação, já esboçada na *Fenomenologia da percepção*, será fonte de suas próximas investigações. Se, em seus dois primeiros trabalhos, tratava-se de restituir um valor simbólico ao sensível pelo estudo do corpo e da percepção, seu interesse na década de 1950 é o de “mostrar como a comunicação com o outro e o pensamento retoma e ultrapassa a percepção que nos tem iniciado à verdade” (Merleau-Ponty, 2000, p. 37).

O filósofo buscará, portanto, compreender a relação entre espírito e verdade, tomando como ponto de partida o enraizamento entre consciência e mundo, pois, sob a perspectiva de uma experiência indivisa, uma transformação deverá ocorrer. A verdade já não pode ser considerada do ponto de vista de um acabamento definitivo estabelecido pela consciência, já que ela passa a ser compreendida a partir de uma experiência na qual a consciência se inscreve. Conforme demonstrado na *Fenomenologia da percepção* e, antes ainda, em *A estrutura do comportamento*, o sujeito da percepção não pode ser concebido à maneira de um sujeito absoluto, que, desprovido de corpo, sobrevoa o espetáculo do mundo, pois é por meio do corpo que se abre o espaço exterior.

A compreensão do fenômeno perceptivo deverá, portanto, considerar a existência de um corpo expressivo que não está no mundo como as coisas, mas que, justamente, torna possível a experiência espacial. Isso significa que perceber não é simplesmente a relação entre uma consciência pura e um objeto geométrico localizado, visto que a espacialidade do corpo carrega consigo funções sensoriais, motoras e afetivas que eliminam a ideia de um interior e de um exterior puros. O sujeito da percepção opera a partir de um pacto inalienável entre o corpo e o mundo, por isso, para redescobrir a figura do mundo sensível, é necessário fazer como o arqueólogo e atentar para as sedimentações que ligam o presente ao passado (Merleau-Ponty, 2000, p. 41).

Considerando a existência de um campo de conhecimento abaixo do percebido, a experiência perceptiva não se reduz ao *status* de mera aparência, dando lugar novamente ao entendimento como fonte da verdade? Afinal, como ter acesso a esse campo de indivisão em que a própria percepção encontra seu limite, sem pressupor um *cogito* como sua condição de possibilidade? Daí decorre a necessidade de uma teoria da verdade, seguida por uma teoria da intersubjetividade no domínio da linguagem e da comunicação, visto que, na relação com o outro, está implícito não apenas uma troca de

informações e saberes já adquiridos, como também a possibilidade de formações originais.

A questão central será compreender como é possível que as palavras sejam retomadas continuamente pela expressão de significações inéditas e, ainda assim, manter sua dimensão intersubjetiva. Nesse sentido, deve-se atentar para um campo de conhecimento que não é pensado, mas que o corpo e a palavra como gesto constantemente atualizam em razão da dupla dimensão do corpo de fazer parte do sensível e, ao mesmo tempo, voltar-se sobre ele para significá-lo. Cada palavra reserva um fundo de significações, um sistema simbólico que não está dado de uma vez por todas, mas que abre para diferentes possibilidades de linguagem. O surpreendente é justamente que esse caráter inédito das construções linguísticas originais remete a uma dimensão comum e intersubjetiva. Como descreve Merleau-Ponty,

[...] a linguagem nos remete a um pensamento que não é mais simplesmente nosso, que é presumivelmente universal, sem que essa universalidade seja aquela de um conceito puro e idêntico em todos os espíritos: é antes um chamado que um pensamento situado envia para um outro pensamento igualmente situado, e ao qual cada um responde com seus recursos próprios. (Merleau-Ponty, 2000, pp. 43-44)

Trata-se, portanto, de investigar esse horizonte subentendido no fenômeno da comunicação, a qual não se encontra na linguagem considerada parte a parte. Para compreender o papel dessa alteridade irreduzível desvelada no fenômeno da comunicação, é preciso, antes, esforçar-se para afastar *o fantasma de uma linguagem pura*,¹ que, habitualmente, incorpora-se na ideia clássica de expressão. Esse fantasma retrata uma falsa impressão de que tudo aquilo que pode ser dito encontra sua correspondência direta em significações pré-dadas, na medida em que se exprimir consistisse em dar voz a uma dessas tantas vozes presentes na consciência ou subtraída das coisas. Nesse caso, não existe nenhum mistério, visto que a expressão e o exprimido se apresentam como termos correlatos que remetem a um mundo já constituído pela linguagem. A comunicação só se torna possível em virtude de um sentido puramente adstrito à palavra. Esta se torna um índice do pensamento.

¹Subtítulo do primeiro texto de *A prosa do mundo*, atribuído por Claude Lefort.

A transparência de um universo simbólico – como se as palavras remetessem diretamente a uma dimensão de sentido já constituída de linguagem ou como se houvesse uma linguagem encerrada nas próprias coisas – parece diferir muito da experiência vivida na comunicação. Se a comunicação acontece com base em um saber prévio sobre o sentido das palavras, não é possível compreender nada de novo, ou seja, se não há nenhum tipo de criação que descentre os sujeitos para além de suas próprias significações, é impossível até mesmo admitir a existência da linguagem. Como escreve Merleau-Ponty, seriam apenas

[...] dois sujeitos pensantes fechados sobre suas significações – entre eles mensagens que circulam, mas que não contém nada, e que são somente ocasião para cada um prestar atenção somente ao que já sabia – finalmente, quando um fala e o outro escuta, pensamentos que se reproduzem um ao outro, mas apesar de si mesmos e sem jamais se defrontar –, sim, como diz Paulhan, essa teoria comum da linguagem, teria por consequência “que tudo se passasse no fim entre os dois como se não tivesse havido linguagem”. (Merleau-Ponty, 2010, p. 1441)

No entendimento de Merleau-Ponty, é possível encontrar uma explicação no que diz respeito a essa falsa impressão da experiência da linguagem, que se encontra em sua capacidade de remeter a um sentido além das palavras para, logo em seguida, diluir-se sem deixar rastros. Parece natural que isso aconteça, pois certas experiências cotidianas – como a lembrança de uma boa conversa ou a marca que a leitura de certas obras pode deixar em seus leitores – parecem não dizer respeito aos signos linguísticos propriamente ditos, mas a uma vivência do sentido em sua totalidade. Na medida em que a linguagem remete ao que significa, ela dissimula-se em sua própria operação, fazendo-se esquecer. Oculta-se, portanto, o processo por meio do qual as significações antigas são retomadas e constituídas em novas significações, como se exprimir-se fosse apenas a substituição de um pensamento por um signo linguístico. Isso ocorre em função do duplo aspecto da linguagem, o qual Merleau-Ponty já havia tematizado na *Fenomenologia da percepção* e que é desenvolvido mais particularmente nos textos entre 1951 e 1954, época em que a influência do linguista Ferdinand de Saussure se torna mais evidente.

Em seu *Curso de linguística geral*,² Saussure se dedica a fixar novas bases científicas para o estudo da língua, tendo em vista seu caráter social e coletivo. Considerando a língua a partir de um sistema de valores, Saussure renuncia toda definição associada simplesmente a um processo de descrição do mundo natural, em uma relação pura entre o significante e o significado, para dar lugar ao caráter tipicamente humano e histórico da língua. De acordo com o linguista, a língua é um fato social. Sendo um produto da elaboração coletiva por meio de um consenso relativamente estável, o papel do indivíduo nesse processo é bastante limitado. Isso explica porque o autor estabelece a necessidade de fazer uma distinção entre a língua e a fala. A linguagem é constituída, de um lado, pela língua, “parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros de uma comunidade” (Saussure, 1995, p. 31). Por outro lado, a linguagem é constituída pela fala, que se revela como “ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 1995, p. 31). Dessa forma, os esforços investigativos da linguística deveriam concentrar-se sobre o estudo da língua, uma vez que a língua é o elemento relativamente fixo a partir do qual se estruturam os sistemas de comunicação, ou, ainda, “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (Saussure, 1995, p. 33).

Pelo fato de a língua estar inserida no tempo, seu estudo depende de uma distinção importante e que não é comum para as demais ciências, visto que, para estas, o tempo não coloca grandes problemas, a não ser no caso da economia, que Saussure considera um estudo também dependente de certa dualidade de base.³ Trata-se de uma dualidade insuperável e necessária decorrente do entrecruzamento inevitável de dois aspectos da linguagem, os aspectos que possuem valor em si mesmos e aqueles que possuem valor apenas em uma perspectiva temporal de compreensão. Por isso a necessidade de distinguir entre características sincrônicas e diacrônicas, em função da

² Obra publicada por Charles Bailly e Alberto Séchehaybe com a colaboração de Alberto Riedlinger, a partir das anotações dos alunos de Saussure durante seus três cursos de linguística geral na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911, e de algumas notas pessoais do autor encontradas após sua morte.

³ De acordo com Saussure (1995, pp. 114-115), a astronomia e a geologia, ou a história e o direito, por exemplo, não dependem necessariamente de uma dualidade entre o estudo da ciência e da história dessa ciência para serem estudadas. Em tais disciplinas, não há confusão entre uma perspectiva histórica ou sistemática de seu estudo, visto que os limites de cada uma são bem descritos. Já no caso da economia, a situação se assemelha à linguística: “pois bem, é uma necessidade bastante semelhante a que nos obriga a dividir a linguística em duas partes, cada qual com seu princípio próprio. É que aqui, como em economia política, estamos perante a noção de valor; nas duas ciências, trata-se de um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes: numa, um trabalho e um salário; noutra, um significado e um significante”. (Saussure, 1995, p. 115)

impossibilidade de estudar simultaneamente o esquema da língua e sua inserção no tempo, ou seja, aquilo que são os aspectos relacionados às sucessões temporais – *linguística evolutiva* – e a estrutura que caracteriza esse movimento – *linguística estática*. “É sincrônico tudo o que se relaciona ao aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo o que trata de suas evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (Saussure, 1995, p. 117).

O estudo da língua deve levar em consideração não apenas essa dualidade, mas seu caráter sistemático, atentando para a unidade linguística, para o fato de que é impossível aprender um de seus aspectos fora da unidade da qual a língua faz parte. A língua na perspectiva de um sistema de signos vai de encontro à noção clássica de um processo construído simplesmente a partir da correlação entre coisas e palavras, como se as ideias já se encontrassem preexistentes nas palavras. Saussure (1995), contudo, encontra no equívoco simplista de unir elementos diretamente correlatos um modo de demonstrar que a unidade linguística é caracterizada por dois termos, um conceito e uma imagem acústica. Um signo linguístico é formado por esses dois termos ulteriores, ambos de natureza psíquica e intimamente relacionados.

O que interessa a Merleau-Ponty é a expressividade da palavra, que, em vez de opor signo e significação, opera como elemento diferenciador e agregador entre as duas ordens. Em seus cursos no Collège de France sobre *O problema da palavra*, entre 1953 e 1954, o filósofo aborda um dos aspectos fundamentais da linguística saussuriana, a saber, a tese segundo a qual a palavra “modifica e sustenta a língua, tanto quanto ela é transportada por ela” (Merleau-Ponty, 1968, p. 26). A palavra como fenômeno expressivo se impõe obrigatoriamente à análise da linguagem instituída, na medida em que abre para uma perspectiva sistemática. Levando em consideração a palavra como gesto de diferenciação entre a ordem do signo e da significação, as quais só podem existir em relação, Merleau-Ponty (1968, p. 27) encontra em Saussure uma contribuição para superar a distinção entre *res extensa* e *res cogitans* no domínio da linguagem. Para melhor compreender essa questão, o filósofo se propõe a investigar a abordagem de Saussure sobre a função *positiva e conquistadora* da palavra por meio do estudo do processo de aquisição da linguagem, que mantém uma relação intrínseca e direta com a experiência de outrem.

Nessa perspectiva, é preciso renunciar à explicação da distinção entre saber produzir sons e sua utilização para atribuir significações fazendo referência a uma

potência judicativa. Para compreender as características dessa distância entre o balbucio e a linguagem no desenvolvimento infantil, é preciso atentar para o aspecto afetivo da relação entre a criança e sua mãe. Entretanto, a linguagem não surge apenas como uma espécie de decalque ou réplica de um vínculo afetivo. Ela não pode ser atribuída a nenhuma relação causal entre inteligência e fala, nem a um desdobramento realizado a partir da afetividade, visto que a palavra remete a criança a uma dimensão mais profunda em que toda divisão é artificial (Merleau-Ponty, 1968).

A linguagem parece começar a se desenvolver por imitação, e, no começo de sua aprendizagem, a criança emite seus primeiros balbucios como se desejasse fazer parte desse novo universo repleto de palavras. Antes mesmo da fase do balbucio, o bebê já ri e responde a sorrisos, pois a comunicação com o outro procede à linguagem propriamente dita. A questão, para Merleau-Ponty (2001, p. 15), é justamente tentar compreender como acontece a transição de uma existência estritamente biológica para uma atividade não biológica – ao menos no sentido de sua preexistência –, que se caracteriza por um movimento em direção ao diálogo.

Desde as primeiras semanas, passando para o balbucio, até o surgimento das primeiras palavras, não se observa fases diferentes com inícios e fins bem definidos (mesmo que ocorram saltos qualitativos extraordinários em termos de aprendizagem). Na medida em que as palavras são conquistadas e reproduzidas, percebe-se muito mais do que o simples acúmulo de vocabulários a serem combinados de diferentes maneiras. Trata-se da assimilação de todo um contexto profundamente existencial implícito no uso de cada palavra nova, ou seja, “uma totalidade com setores abertos dando possibilidades de expressão indefinidas” (Merleau-Ponty, 2001, p. 21). Por isso o olhar crítico de Merleau-Ponty com relação às teses de Piaget⁴ e suas várias etapas ligadas à aquisição da linguagem, como a que considera que até os 5 anos de idade a criança desenvolve sua linguagem muito mais no sentido de um monólogo do que mais propriamente pelo interesse em se comunicar com o outro, em função da falta de maturação de seu aparato

⁴ A tese de Piaget sobre o processo de aquisição da linguagem pode ser considerada de caráter cognitivista construtivista, a qual se caracteriza por uma explicação dos diferentes processos linguísticos a partir do desenvolvimento da inteligência da criança. Nesse sentido, a transição de uma existência *autística*, individual e incomunicável, para uma existência coletiva e socializada “obedece em grande parte ao fato de que a inteligência, precisamente porque se socializa progressivamente, procede cada vez mais por conceitos, em virtude da linguagem que liga o pensamento às palavras, enquanto o autismo, precisamente porque permanece individual, continua ligado à representação por imagens, à atividade orgânica e aos movimentos. O fato de contar seus pensamentos, de transmiti-los aos outros, ou de calar ou falar somente consigo mesmo, deve ter, portanto, uma importância primordial na estrutura e funcionamento do pensamento em geral, da lógica da criança em particular” (Piaget, 1999, p. 43).

intelectual. Ao comparar as pesquisas de Piaget com as de Katz, Merleau-Ponty (2001) percebe que os dados do primeiro são perfeitamente falsificáveis pelos índices demonstrados pelo segundo, o que denuncia a fragilidade da tese de Piaget, na medida em que as crianças pesquisadas por Katz apresentam um interesse por outrem em perfeito acordo com a ativação da linguagem.

É preciso, pois, prevenir-se contra toda divisão artificial em “estádios sucessivos”. Parece que desde o início todas as possibilidades estão inscritas nas manifestações expressivas da criança; nunca há nada de absolutamente novo, mas antecipações, regressões, permanências de elementos arcaicos nas formas novas. Esse desenvolvimento – em que, de um lado, tudo está esboçado previamente e, de outro, tudo procede por uma série de progressos descontínuos, desmente tanto as teorias intelectualistas quanto as empiristas. (Merleau-Ponty, 2001, p. 22)

De um ponto de vista mais estrutural, o desenvolvimento da linguagem não pode ser explicado nem por imitação nem a partir de um esforço intelectual, uma vez que se encontra subentendido na fala um plano mais interior ou abaixo em que o signo e a significação encontram-se emaranhados um no outro, em uma relação de fundação (*Fundierung*), a qual impossibilita os postulados causais. É a partir desse contexto que são importantes as teses de Saussure, pois, na medida em que “a língua é um sistema de signos em vias de se diferenciarem uns dos outros” (Merleau-Ponty, 2001, p. 28) e as significações extraídas do interior desse movimento são dotadas de sentido, o que se evidencia é um impulso em direção a outrem a partir de um solo dialético e intersubjetivo sempre presente na comunicação.

O estudo da língua que leva em consideração apenas o mecanismo de funcionamento da fala e ignora essa abertura a outrem tende a ignorar a língua em seu estado nascente. Disso destaca-se o mérito de Saussure na investigação dessa espécie de *palavra falante*,⁵ que não é simplesmente relacionada à capacidade do sujeito de fazer

⁵ Trata-se de uma noção de extrema relevância com relação à leitura que Merleau-Ponty fez de Saussure, o que se evidenciava já no contexto da *Fenomenologia da percepção*, quando, no capítulo “O corpo como expressão e a fala”, o filósofo fazia distinção entre a fala falante e a fala falada. A *fala falante* “é aquela em que a intenção significativa se encontra em estado nascente” (Merleau-Ponty, 2009, p. 238). Ou seja, existe uma instância da linguagem que se caracteriza por uma criação perpétua, “que faz nascer um sentido novo, assim como o gesto dá pela primeira vez um sentido humano para o objeto, se ele é um gesto de iniciação” (Merleau-Ponty, 2009, p. 235). No entanto, essa potência significativa se encontra

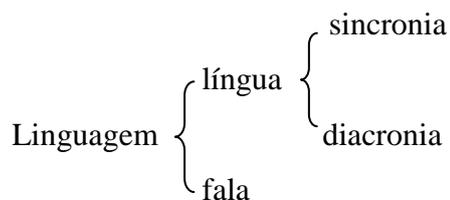
uso de certas palavras já constituídas pela cultura, mas remete a uma potência falante. É preciso admitir para além do sujeito que fala uma espécie de voz intersubjetiva enraizada na cultura e portadora de uma irreducibilidade transcendente, sempre aberta para o novo e que fala por meio do sujeito, que o descentra e realiza a constante passagem entre ego e *alter* ego.

É importante ressaltar que a contribuição de Saussure para as teses sobre a linguagem de Merleau-Ponty não ocorre de forma direta e evidente, como se a análise do filósofo fosse apenas um desenvolvimento dos conceitos propostos pela linguística saussuriana. Na verdade, Merleau-Ponty, bem ao seu estilo e na busca por pensar o impensado⁶ em cada autor, propõe uma mudança profunda no que foi proposto por Saussure, o que não deixou de levantar suspeita quanto à sua compreensão do *Curso de linguística geral*. A questão é que, no caso de Saussure, apesar de Merleau-Ponty reconhecer seu papel na perspectiva de romper as fronteiras entre o signo e a significação, ainda permanece uma dicotomia resultante da distinção entre o conceito e a imagem acústica que compromete o caráter fundamentalmente expressivo da palavra, bem como o próprio fenômeno da comunicação.

De acordo com Lagueux (1965), a base da teoria saussuriana que concebe o signo a partir de uma junção entre a imagem acústica e o conceito está longe de colocar em questão a distinção entre o significante e o significado. Mesmo que Merleau-Ponty reconheça o mérito de Saussure nesse sentido, na verdade o que se apresenta nos textos do filósofo sobre a linguagem é realmente uma novidade, visto que há um esforço em realizar uma aproximação entre língua e fala que não está presente nas teses do linguista. Na verdade, Saussure atribuía um caráter essencial à língua e considerava a fala como secundária, ao ponto de excluí-la de suas investigações, conforme é possível perceber no esquema apresentado no *Curso de linguística geral*:

fundada em um mundo linguístico já constituído que caracteriza o mundo cultural. A *fala falante*, ao sedimentar-se, funda a existência intersubjetiva e constitui um universo de significações que possui uma existência autônoma. “Daí a fala falada que desfruta as significações disponíveis como uma fortuna obtida” (Merleau-Ponty, 2009, p. 239).

⁶ Expressão de inspiração heideggeriana utilizada por Merleau-Ponty, pela qual se tem como objetivo ir além daquilo que se apresenta superficialmente sobre a tese de determinado autor, ou seja, não se trata de compreender o que um filósofo disse, mas de encontrar a questão que o inspirou a dizer. Como descreve Merleau-Ponty (2014, p. 260) em *O filósofo e sua sombra*: “quando Husserl termina sua vida, há um impensado nele, que é muito seu e que, no entanto, abre para uma outra coisa. Pensar não é possuir objetos de pensamentos; é circunscrever, graças a eles, um domínio para pensar que, portanto, ainda não foi pensado”.



Embora para Saussure (1995) a fala cumpra um papel fundamental na dimensão diacrítica da língua – uma vez que é pela fala que todas as mudanças de sentido ocorrem –, a linguística deve ocupar-se da ciência da língua, pois toda fala está a ela subordinada, “e é graças a tal subordinação que todas as partes da linguística encontram seu lugar natural” (Saussure, 1995, p. 36). Tal recusa em estabelecer um estudo da fala ocorre em função de seu caráter particular, ou seja, pelo fato de o sujeito falante não acrescentar nada de novo à linguagem, visto que sua fala encontra-se limitada a um campo coletivo de possíveis significações. Nesse sentido, Saussure considera não haver motivos para dar a devida importância à fala, pois suas inovações só farão sentido após serem acolhidas por uma comunidade de falantes.

Encontra-se, nessa forma de displicência para com a fala, um caminho profícuo para Merleau-Ponty tentar ultrapassar as análises do linguista. Trata-se de um ponto a partir do qual o filósofo poderá aprofundar a análise de Saussure de modo a estender os limites da diacronia e da sincronia para o campo da fala, a fim de articular entre si os pontos de vista objetivo e subjetivo. Em sua comunicação de 1951, publicada na coletânea *Signos* com o título “Sobre a fenomenologia da linguagem”, Merleau-Ponty considera que a separação entre língua e palavra, na medida em que relaciona a segunda apenas ao aspecto subjetivo da linguagem, retira qualquer possibilidade de contribuição da palavra para o estudo do ser da linguagem, esvaziando o seu sentido ontológico. Trata-se, portanto, de romper essa barreira estabelecida por Saussure entre uma linguística da língua e uma linguística da fala, de modo a compreender o profundo entrelaçamento entre a sincronia e a diacronia, não no sentido recusado pelo linguista de um ponto de vista pancrônico da linguagem, mas no sentido de uma dialética que preserva, ao mesmo tempo, a distinção e a indistinção entre língua e fala.

De acordo com Merleau-Ponty (2010), os próprios linguistas sucessores de Saussure foram obrigados a encontrar um ponto de intersecção, como no caso do esquema sublinguístico de Gustavo Guillaume, por meio do qual a diacronia e a sincronia são pensadas a partir de um movimento de atualização. A noção de esquema sublinguístico supõe a existência de um campo de pesquisa novo e insondável perante

os fatos da linguagem, algo como uma espécie de virtualidade da língua sem a qual ela se reduziria a um processo empírico. Trata-se de perceber que cada processo linguístico, cada escolha de palavra, de significações ou de sentido a partir de um campo de possíveis depende de um mecanismo como sua condição de possibilidade. Guillaume observa:

A imagem desse mecanismo é mesmo a parte mais profunda da língua virtual, aquele que se arranja sob todas as outras, no sentido de que o sujeito não saberia entrar em nenhuma ação de linguagem sem ter, previamente, evocado sumariamente nele as possibilidades que o mecanismo da língua lhe oferece e entre os quais lhe é preciso escolher. Nomearemos a imagem de conjunto desse mecanismo de esquema sublinguístico. (Guillaume, 1993, pp. 121-122)

Desse modo, Guillaume considera possível preencher a lacuna deixada por Saussure entre as explicações gramaticais sobre a linguagem e seu uso corrente na fala cotidiana, pois o esquema sublinguístico favorece o entendimento da língua como um sistema. Diferente da ideia de sistema de Saussure, em que um aspecto da linguagem se encontra submetido a outro, Guillaume pensa um sistema *a priori* mais equilibrado, em que cada elemento se encontra em relação com os outros, constituindo a configuração geral e expressiva da língua. Foi a partir da noção de esquema sublinguístico que Merleau-Ponty pensou o processo sincrônico e diacrônico envolvido um pelo outro, pois, segundo Guillaume (1993), tal esquema admite uma entidade diacrônica possível de ser estudada historicamente em suas transformações. Trata-se, portanto, da inclusão da dimensão temporal para dar conta da sucessão expressiva da linguagem a partir do sujeito falante.

A inspiração oriunda da linguística de Guillaume – talvez mais do que a da linguística de Saussure – permite a Merleau-Ponty ir além de uma abordagem objetiva da língua, a fim de abrir espaço ao estudo da língua a partir de como ela aparece para o sujeito, ou seja, ordenada como um sistema coerente por meio do desenvolvimento constante de intenções expressivas. De acordo com Barbaras (1991, p. 77), “assumindo e ultrapassando o passado histórico na expressão presente, o sujeito falante articula esse presente a um porvir, de modo que passado, presente e futuro aparecem como momentos de uma unidade”. A questão é compreender como se caracteriza essa unidade

do fenômeno linguístico entre a palavra e o sujeito falante, isto é, essa intenção significante que os articula, de modo a tornar possível a transcendência do presente em projeção ao futuro pela retenção do passado, sem ter que remeter ao *cogito* constituinte. Nesse sentido, a unidade e coerência revelada pela linguística da palavra não deve se confundir com uma razão transcendente, visto que tal unidade não é distinta de seus modos de aparecimento, dos atos de retomada que, portanto, ela anima e orienta (Barbaras, 1991).

Sendo assim, Merleau-Ponty (2010) aponta a necessidade de realização de duas tarefas essenciais para a linguística. A primeira é compreender o sentido desse movimento da linguagem na perspectiva de um *equilíbrio em movimento*, ou seja, levando em consideração a possibilidade de ressignificação a partir de intenções expressivas que se desgastam e perdem sua potência significativa. A segunda trata-se de compreender esse *equilíbrio em movimento* abrindo mão da correspondência direta entre os esquemas de expressividade, como se a articulação entre as significações antigas e atuais estivessem articuladas entre si por derivação. Ora, o sistema em questão nunca é, portanto, totalmente em ato, pois não se trata “de um edifício de ideias linguísticas construído segundo um plano rigoroso, mas de um conjunto de gestos linguísticos convergentes, definidos mais por um valor de emprego do que por uma significação” (Merleau-Ponty, 2010, p. 1191). Tal explicação, porém, já existia em Saussure, portanto, o que realmente é diferente em Merleau-Ponty?

Para compreender esse desvio, é preciso atentar para o fato de que, em Merleau-Ponty, o que garante o sentido da fala em meio ao entrecruzamento de diferentes significantes não é uma potência universal e constituinte da língua, que forçaria a oposição entre uma psicologia da linguagem com enfoque no presente e uma ciência da linguagem mais voltada para o passado. A distinção entre sincronia e diacronia é transformada em Merleau-Ponty na medida em que, para ele, não é possível pensar de forma separada a língua como sistema equilibrado e seu desenvolvimento no tempo, visto que “o presente difunde-se no passado, na medida em que este foi presente, a história é a história das sincronias sucessivas – e a contingência do passado linguístico invade até o sistema sincrônico” (Merleau-Ponty, 2010, p. 1192). Sendo assim, “a separação entre sincronia (estado de língua entre dois termos contemporâneos) e diacronia (acontecimento fonético entre dois termos sucessivos) não é real, mas acadêmica, já que nenhuma língua vive fora do tempo” (Perius, 2013, p. 75).

A profundidade que uma fenomenologia da linguagem revela pelo estudo do sujeito falante não é apenas uma curiosidade psicológica perante uma verdadeira ciência da língua. Na verdade, o que está em questão é o próprio ser da linguagem, na medida em que se descobre uma lógica encarnada na própria contingência e que, sem a qual, não seria possível a comunicação. Com essa abordagem, Merleau-Ponty se afasta da linguística saussuriana e se aproxima das teses do alemão Wilhelm Von Humboldt, por meio das quais é possível pensar uma forma interior da linguagem (*innere Sprachform*) sem ter que fazer alusão a um universal da linguagem a partir do pensamento. Além disso, o linguista alemão oferece outros subsídios para o pensamento de Merleau-Ponty, uma vez que sua estruturação da linguagem está para além de um sistema fechado em si mesmo.

Humboldt foi um dos maiores responsáveis pela abertura da linguística para uma perspectiva de movimento, principalmente ao considerar que a “língua não é uma obra feita (*Ergon*), mas uma atividade em movimento (*Energeia*)” (Humboldt, 1974, p. 183). A partir dessa perspectiva, ele questiona uma linguística baseada em um sistema estático, como se não fosse possível fazer ciência com base no aspecto subjetivo da língua, ou seja, do sujeito falante.

Se, para Saussure, a língua só existe de forma completa e objetivamente válida no corpo social, para Humboldt, não há necessidade de estabelecer uma hierarquia em termos de investigação entre língua – universal e fala – particular, visto que a língua se encontraria de forma completa nos indivíduos. Sob esse ângulo, deve-se buscar na *forma interior da linguagem* um princípio investigativo que evite a excessiva necessidade de fragmentação oriunda da linguística cientificista. Uma verdadeira ciência da linguagem precisa ser estudada a partir de duas abordagens, como propõe Saussure, mas tratadas de modo complementar. Ao lado de uma linguística da língua se faz necessário inaugurar um novo campo de pesquisa, a fim de revelar “a especificidade da fala viva e para dar uma imagem verdadeira da vida da língua” (Humboldt, 1974, p. 183). Nesse caso, ao lado de um primeiro movimento de retomada das expressões antigas e já utilizadas da cultura, é preciso atribuir um segundo movimento que não apenas recupere o que já foi expresso, mas lhe confira um novo sentido, ambos articulados por uma forma interior.

Para Merleau-Ponty, essa potência falante que se articula com expressões já constituídas pela língua universal (na medida em que se enraízam em uma espécie de forma interior) é fundamental não apenas para a compreensão da criação constante de

novas significações e da questão da aquisição da linguagem pela criança, como também é determinante para o fenômeno intersubjetivo. A partir do aprofundamento dessa relação do sujeito falante com um fundo de generalidade – que não pode ser considerado uma espécie de pré-significação, como se houvesse “um texto original de que a nossa linguagem seria a tradução ou a versão cifrada” (Merleau-Ponty, 2014, p. 70) –, é possível compreender a comunicação. Trata-se da investigação do fenômeno da expressividade em seu movimento de sedimentação, de modo a levar em consideração a dimensão de silêncio, essa espécie de vazio ou intervalo entre as significações já constituídas e aquelas inéditas. Algo que Merleau-Ponty encontrou não em Saussure, mas em Humboldt.

As palavras, os torneios necessários para conduzir minha intenção significativa à expressão, não são recomendadas a mim, quando falo, senão por aquilo a que Humboldt chamava de *innere Sprachform* e que os modernos chamam de *Wortbegriff*, ou seja, por um certo estilo de linguagem de que provêm e segundo o qual se organizam sem que eu tenha necessidade de as representar. (Merleau-Ponty, 2010, p. 1193)

A questão que se impõe é a de compreender esse *equilíbrio em movimento* em sua lógica particular de criação a partir das significações já instituídas. Sendo assim, faz-se necessário atentar para o potencial inerente à palavra de transformar o já dito na linguagem em alguma coisa nova, por uma espécie de *deformação coerente*.⁷ A palavra, portanto, tem a capacidade de expressar uma significação que está ligada diretamente ao mundo cultural, mas que o ultrapassa de modo a refundá-lo por meio de um processo de sedimentação. Quando uma nova significação se torna imediatamente disponível para uma coletividade, tem-se a impressão de que ela já existia em algum lugar, na cultura ou no próprio pensamento, “quando na verdade só as adotou por uma espécie de ardil, para lhes infundir uma nova vida” (Merleau-Ponty, 2010, p. 1196).

⁷ Conceito de Andre Malraux presente na obra *La Création artistique* e retomado por Merleau-Ponty em *A prosa do mundo* para analisar a questão do estilo no universo da pintura, tendo em vista essa espécie de *distorção sistemática* que a percepção impõe ao sensível. Segundo Merleau-Ponty (2012, p. 128), “o estilo é em cada pintor o sistema de equivalências que ele se constitui para essa obra de manifestação, o índice geral e concreto da deformação coerente pela qual ele concentra a significação ainda esparsa em sua percepção, e a faz existir expressamente”.

Esse processo só poderá ser entendido se for desarticulada a dicotomia clássica da correspondência ou não correspondência entre o sentido e a palavra. Afinal, como pensar o movimento vivo da linguagem se existe uma correspondência direta entre o que se pretende dizer e a palavra escolhida para fazê-lo? Tal positividade instauraria um processo de pura reprodução em que a linguagem se reduziria a uma atividade meramente mecânica. Por outro lado, pensar a desarticulação completa entre o sentido e a palavra é obviamente ainda mais problemático, pois o sentido não encontraria um elemento no qual se apoiar para poder ser transmitido. Em função da necessidade de pensar uma terceira via de entendimento da relação entre o sentido e a palavra, Merleau-Ponty desenvolverá uma fenomenologia da linguagem, de modo a se aprofundar na investigação de uma lacuna entre as palavras, lacuna essa que diz mais do que as próprias palavras. É nessa perspectiva que se encontra o texto publicado em 1952 na revista *Tempos modernos*, dedicado a Sartre e sob o título emblemático de “A linguagem indireta e as vozes do silêncio”.

Retomando à sua maneira o tema saussuriano do processo diacrítico da língua, Merleau-Ponty procura explicar que a aquisição da linguagem pela criança evidencia a não correspondência direta entre os signos e ajuda a compreender o ardil da fala, conforme identifica no desejo de aprender a falar um sentido para além do que as palavras significam. É como se a criança primeiro compreendesse o sentido da linguagem, visto que participa de um mundo comum e intersubjetivo, e só depois desenvolvesse a capacidade de articular os fonemas ou, ainda, “que ela fale e depois aprenda apenas a aplicar diversamente o princípio da palavra” (Merleau-Ponty, 2014, p. 65). Isso em função do não dito da linguagem, do que está entre os signos, em uma camada que ainda não é linguagem, “visto que o sentido só aparece na intersecção e como no intervalo entre as palavras” (Merleau-Ponty, 2014, p. 68). Deve-se admitir, portanto, uma opacidade da linguagem e, ao mesmo tempo, sua autorreferencialidade, ou seja, a linguagem consiste em uma espécie de desdobramento sobre si mesma que só pode ser realmente um movimento vivo e inédito na medida em que ela é descentrada por um fundo de silêncio. É o que Merleau-Ponty (2000) chama de palavra do silêncio: por um tipo de ebulição,⁸ ela exprime o sentido de uma experiência ainda muda.

Assim, não existe um texto original que as palavras tentam expressar de forma completa. O sentido não se encontra no pensamento ou no mundo, mas justamente na

⁸ Sobre o sentido da expressão “ebulição” na filosofia da linguagem de Merleau-Ponty, verificar: Cardim, L. (2012). A ebulição na massa d’água ou a linguagem segundo Merleau-Ponty. *DoisPontos*, 9(1), 35-69.

totalidade da linguagem, conforme essa totalidade é marcada pela diferenciação entre os signos. É por isso que, para Merleau-Ponty (2014, p. 70), “toda linguagem é indireta ou alusiva, é, se se preferir, silêncio”. É o mesmo silêncio que habita na arte, seja na pintura ou na poesia, e que a faz possibilitar uma abertura para outra experiência, não exatamente aquela do artista, mas uma experiência que faz de uma obra de arte um campo aberto para outras e contínuas significações no tempo. “O silêncio é assim a ‘respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (Orlandi, 1995, p. 13).

Da mesma forma que não é possível fazer um inventário de uma pintura, no sentido de descrever aquilo que está ou não na imagem e descobrir qual é exatamente seu sentido, a linguística não tem a menor condição de procurar na fala o sentido exato do que ela expressa. Assim como a pintura, a fala funda no momento presente uma nova realidade, um novo campo de significação. Trata-se de uma experiência de descentramento que rompe ou faz desabar as construções racionais e científicas da língua, que procuram mapear o funcionamento da linguagem como uma espécie de máquina de produzir significações a partir de uma análise combinatória daquilo que existiria no pensamento. Segundo Merleau-Ponty (2000, p. 338), essa concepção da “linguagem é útil e indispensável, mas ela é tributária de outra linguagem, muito mais difícil, que consiste em dizer o que jamais foi dito”. Tanto na pintura quanto na linguística, “não se trata de uma soma finita de signos, mas de um campo aberto ou de um novo órgão da cultura humana” (Merleau-Ponty, 2014, p. 96). Trata-se, portanto, de pensar essa relação entre as expressões antigas e novas de modo a reconhecer um solo comum. Do contrário, corre-se o risco de se perder em uma abordagem intelectualista ou empirista da linguagem pelo esquecimento da camada que lhes é comum.

Em certo sentido, o enigma da pintura é o mesmo da palavra, pois, ao admirar uma grande obra de Cézanne exposta no Museu d’Orsay, por exemplo, o visitante dificilmente irá refletir sobre a relação da pintura enquanto expressão artística com a vida pessoal do autor da obra; e, quando o faz, muito provavelmente irá fazê-lo de modo causal, atribuindo à tela uma espécie de expressão direta da própria passionalidade expressiva da vida do artista. Daí advém o alcance do comentário de Merleau-Ponty, em *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*, sobre como as obras de arte são expostas no museu, desconectadas da própria vida do autor: “O museu acrescenta um falso prestígio ao verdadeiro valor das obras ao separá-las dos acasos em cujo meio nasceram, e ao fazer-nos acreditar que desde sempre a mão do artista foi guiada por fatalidades”

(Merleau-Ponty, 2014, p. 101). O mesmo acontece com as bibliotecas, que apresentam as obras apartadas do gesto expressivo da palavra na voz de cada autor. Entretanto, não se trata de uma crítica direta a tais espaços na sociedade, mas simplesmente de uma maneira de apreciar como uma expressão, na pintura ou por meio da palavra, perde seu contato com o movimento expressivo contínuo e, mais ainda, com o silêncio original do qual ela inevitavelmente partiu a fim de se tornar um quadro ou um livro.

Desse modo, faz-se necessário não perder de vista a correlação entre um vivido mudo e um vivido distanciado, ou seja, a indissociabilidade entre o sujeito que fala e o silêncio ao qual ele faz referência (Lefevre, 1976, p. 75). A unidade da linguagem está nessa relação viva em que a palavra e o silêncio solicitam-se mutuamente, nesse movimento de sedimentação pelo qual as significações se transformam e se renovam. Considerar uma relação de fundação entre o pensamento e a palavra é remeter ao campo de uma linguagem já instituída e no qual as significações dão a impressão de existir anteriormente ao pronunciado. Segundo Merleau-Ponty (2010, p. 1538), a palavra realiza o encontro entre dois *círculos quase concêntricos* “porque ela abole os limites do meu e do não-meu e faz cessar a alternativa do que tem sentido para mim e do que é não sentido para mim, de mim como sujeito e de outrem como objeto”. É isso que faz o escritor não se sentir apartado de outrem e ter a convicção de expressar-se de um modo a ser compreendido.

Referências

Barbaras, R. (1991). *De L'être du phénomène: sur l'ontologie de Merleau-Ponty*. Grenoble: Jérôme Millon.

Cardim, L. (2012). A ebulição na massa d'água ou a linguagem segundo Merleau-Ponty. *Doispontos*, 9(1), 35-69.

Guillaume, G. (1993). *Temps et Verbe suivi de l'architectonique du temps dans les langues classiques: théorie des aspects, des modes et des temps*. Paris: H. Champion.

Humboldt, W. (1974). *Introduction à L'oeuvre sur le kavi et autres essais* (P. Caussat, Trad.). Paris: Éditions du Seuil.

Lagueux, M. (1965). Merleau-Ponty et la linguistique de Saussure. *Dialogue*, 4(3), 351-364.

Lefevre, M. (1976). *Merleau-Ponty au-delà de la phénoménologie: du corps, de l'être et du langage*. Paris: Presses du Palais-Royal.

Merleau-Ponty, M. (1968). *Résumés de cours – Collège de France (1952-1960)*. Paris: Gallimard.

Merleau-Ponty, M. (2000). *Parcours deux: 1951-1961*. Lagrasse: Verdier.

Merleau-Ponty, M. (2001). *Psychologie et pédagogie de l'enfant: cours de Sorbonne (1949-1952)*. Lagrasse: Verdier.

Merleau-Ponty, M. (2009). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.

Merleau-Ponty, M. (2010). *Oeuvres*. Paris: Gallimard.

Merleau-Ponty, M. (2012). *La prose du monde*. Mesnil-sur-l'Estrée: Gallimard.

Merleau-Ponty, M. (2014). *Signes*. Saint-Amand: Gallimard.

Orlandi, E. P. (1995). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp.

Piaget, J. (1999). *O pensamento e a linguagem na criança*. São Paulo: Martins Fontes.

Perius, C. (2013). O trabalho do negativo: linguagem e ontologia em Saussure e Merleau-Ponty. *Trans/Form/Ação*, 36, 69-108.

Saussure, F. (1995). *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot.